

A EDUCAÇÃO E SUA PRÁTICA NO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

The education and its practice in social and historical context

Janete Adriano Kupper¹

Resumo: A educação é um dos pilares que norteiam a sociedade moderna. Por isso mesmo é que ela deve ser discutida, repensada e rediscutida, não só nas universidades, nos governos, mas principalmente na sociedade (pais, alunos, professores), para que não se torne justamente um meio de dominação de massa. A educação que busca formar cidadãos criativos, críticos e que vão à busca de novos conhecimentos precisa estimular desde cedo a pesquisa. Este é o desafio da educação. O mundo, com suas tecnologias, modificou-se, mas a escola continua a mesma, formando cidadãos para serem obedientes e de saberes fragmentados, importantes na industrialização. Hoje, estamos na era da robótica e da informática, exige-se outros saberes para a sociedade que aí está, precisa-se de uma escola que atenda a essas novas necessidades. Na educação fala-se muito em pesquisa, mas pouco se faz na prática. É preciso diminuir as diferenças existentes entre os professores pesquisadores e construtores de competências e os professores repassadores teóricos.

Palavras-chave: Educação. Prática. Desenvolvimento.

Abstract: The education is one of the mainstays that guide the modern society. And therefore it must be discussed, thought and rediscussed not only in the universities and governments, but mainly in the society (parents, students, teachers), in order to this don't become a way to manipulate the people. The education that tries to form creative and critic citizens that will go after new knowledge, needs to stimulate since an early age the research. This is the challenge of the education, the world with its technologies has changed, but the school still the same, forming citizens to be obedient and of fragmented knowledge, important only for the industries. Today we are in the electronic age, and new knowledge are required for this society, its necessary to have a school that attends to this new demands. In the education many people talk about research, but a little is really done. It makes necessary to reduce the differences between the researcher teachers the competence builders and the theoretic instructors.

Keywords: Education. Practice. Development.

Introdução

A educação hoje não deve ser analisada como um processo estanque em si mesma, mas como um processo do contexto sociopolítico e econômico em que vive a sociedade. Deve ser encarada como parte integrante de um sistema que pode usá-la de acordo com os seus interesses. A base material da relação entre os povos foi evoluindo, e modificando seus determinantes.

O primeiro determinante na relação dos povos foi o músculo - FORÇA. Os grupos mais fortes fisicamente detinham o poder e impunham seu domínio através do medo, isto na época das cavernas.

Com o surgimento das cidades e o comércio, as relações entre os povos evoluíram, surgindo um novo determinante nas relações: o dinheiro - RIQUEZA. A riqueza compra a força e está fundada na lei da vantagem. É um determinante extremamente competitivo, pois se partilho com os demais, meu poder diminui. Grande parte de nosso sistema de ensino está fundada ainda neste determinante, quando prepara seus alunos apenas para o mercado de trabalho, oferece prêmios para os primeiros colocados. Paulo Freire denomina esta educação de bancária, pois apenas transmite informações para que seus alunos as repitam mais adiante, não produz conhecimento.

¹Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: <www.uniasselvi.com.br>.

A humanidade começou a desenvolver suas tecnologias, e quem possuísse as melhores informações tecnológicas passava a construir grandes riquezas, surgindo aí o terceiro e atual determinante social, o CONHECIMENTO. O conhecimento cresce e aumenta quando usado, permitindo parceria, diferenciando-se desta forma dos demais determinantes sociais.

Qual será o objetivo da educação neste novo contexto social?

A função da educação é, antes de tudo, instruir o educando ao conhecimento humano mais amplo e, acima disso, socializá-lo da melhor forma possível, independente de interesses externos à educação. A educação deve transcender as leis de mercado e de governo ou de instrumentos de avaliação e ser adaptada às necessidades de cada educando, para que este possa ter condições de se adaptar a outras situações. Dessa forma, o educando poderá adaptar-se, inclusive, ao mercado através do desenvolvimento de sua consciência crítica, de sua inteligência racional, de sua face humana, e poderá resgatar algo que há tempos muitos homens perderam: o bom senso com relação ao ambiente em que vivem e seu próximo. A valorização do humanismo e a restauração do bom senso é uma das formas de enfrentar a frieza do mercado neoliberal. Segundo Paulo Freire, devemos lutar muito, nas escolas, pela ética, aquela afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero e classe.

Por que o enfoque no humanismo e no resgate da ética e do bom senso? Porque é justamente a ética e o bom senso que nos fazem repensar os fatos e procurar a verdade das coisas. Com a globalização, em vez de diminuir, as diferenças econômicas estão aumentando. A globalização, tema abordado no Relatório de Desenvolvimento Humano de 1999, provocou um fenômeno que visa muito mais desenvolvimento econômico e expansão de mercados do que o bem-estar das pessoas. Uma das frases mais ouvidas é a seguinte: *O mercado somente torna cidadãos mundiais aqueles que podem pagar por isso.*

Diante de toda essa discussão político-social, que demanda estão tentando atender nossas escolas? A dos nossos alunos ou a da globalização e do neoliberalismo, que, com sua pressão econômica, reduzem a verba em educação e abrem o mercado econômico? Somente quando detectarmos as demandas da sociedade do conhecimento para a escola e as colocarmos em prática, estaremos cumprindo o verdadeiro papel da educação na sociedade. Para que esta prática aconteça no ambiente escolar, ela deve ser planejada. Comumente chamamos este planejamento de Projeto Político-Pedagógico. Este projeto está sempre em contínua construção, tem que ser registrado para que haja uma caminhada conjunta de todos os membros da escola. Com este planejamento das atividades, as pessoas determinam os interesses e objetivos que orientam sua prática pedagógica. Os profissionais da escola passam a trabalhar em equipe, eliminando a dominação e a hierarquia escolar. Com as mudanças na escola, a relação professor-aluno fica mais humanizada, ocorrendo a aprendizagem e a partilha desta aprendizagem entre todos os membros da escola.

Esta nova proposta escolar, além de conhecimento, constrói competências e ensina a pesquisar. A competência seria essa capacidade de continuamente improvisar e inventar algo de novo, sem lançar mão de uma lista preestabelecida (Perrenoud, 1999). De acordo com o mesmo autor: as potencialidades do sujeito só se transformam em competências efetivas por meio de aprendizados que não intervêm espontaneamente, por exemplo, junto com a maturação do sistema nervoso, e que também não se realizam da mesma maneira em cada indivíduo. Cada um deve aprender a falar, mesmo sendo geneticamente capaz disso. Assim, também as competências são aquisições, aprendizados construídos, e não virtualidades da espécie. Dentro desta nova proposta escolar, a escola tem obrigação de desenvolver as competências de seus alunos.

Mas para que isso aconteça, os profissionais da escola também precisam ter suas competências desenvolvidas, participando efetivamente do processo.

Em nossas escolas construímos seres memorizados, gramaticais, cheios de regras, estruturalistas. Se não estiverem dentro de uma estrutura, não os avaliamos. É preciso construir rachaduras nesta caixa. O ensino só é feito através do aluno. O discurso e a linguagem utilizada na sala de aula constroem o conhecimento. Ex.: o professor expõe seus textos junto com os do aluno. O texto, a fala, são os valores relacionados com a pedagogia construída pelo professor. Precisamos de salas de aula cheias de significados, para que os alunos desenvolvam sua aprendizagem. Podemos usar aqui a analogia dos alimentos, é preciso uma alimentação variada para não enjoar. Através da construção das competências em nossos alunos é que iremos gerar mudanças no mundo real. A escola, antes de tudo, deve ser o lugar de construção de conhecimento, juntamente com a família. Pensar educação significa imprevisibilidade, busca constante de desenvolver competências.

Mas, qual o lugar e o limite do conhecimento científico dentro do domínio do saber? Seria a atividade científica uma busca desinteressada de conhecimentos?

Hoje, educadores e pesquisadores se encontram em uma encruzilhada: ou vai-se em busca do novo, do produzir competências e do modificar a escola que aí se encontra, ou finge-se que nada acontece ao nosso redor, levando a escola ao descrédito total da sociedade do conhecimento, da qual os alunos serão as principais vítimas.

Teoria ou prática nas escolas?

Nos acontecimentos da sala de aula e nas questões rotineiras é que se baseia esta reflexão sobre a educação hoje. Muitas vezes, as coisas acontecem e não se toma o tempo de refletir sobre elas. É preciso registrar as práticas que acontecem no cotidiano social, político e educacional com a finalidade de estudá-las e descobrir novas formas de desenvolvê-las.

Querer utilizar a pesquisa como um dos principais instrumentos da prática pedagógica nos leva a uma velha problemática, a da relação teoria-prática.

A teoria na prática é outra representação máxima da dicotomia cujo exercício acaba determinando o aparecimento de dois tipos distintos de profissionais: os pesquisadores de um lado, reivindicando a soberania da teoria - e os professores do outro - idolatrando a prática - e, entre eles, os alunos, a sala de aula. (FAZENDA, 1992, p. 77)

Vivemos num mundo onde os professores das universidades possuem uma carga horária destinada à pesquisa e bons salários, construindo teorias com seus alunos nas escolas públicas. Por outro lado, temos os professores da educação de base nas escolas públicas, com pouca formação e uma carga horária enorme, além de estarem sujeitos a políticas eleitoreiras e baixos salários. Com essa realidade, cada vez mais vemos bons profissionais desistindo desta carreira. É preciso que se busque um equilíbrio entre quem constrói a teoria e quem a aplica na sala de aula, tanto na formação, no tempo para estudo e pesquisa e também na equiparação salarial.

Para definirmos os termos, gostaríamos de descrever o professor pesquisador como o professor crítico e reflexivo, que vai em busca do saber. Já o professor teórico como repassador de conteúdos, imitador.

Professor e as políticas educacionais

Quem ensina carece pesquisar, quem pesquisa carece ensinar. Professor que apenas ensina jamais o foi. Pesquisador que só pesquisa é elitista e explorador, privilegiado e

acomodado. (...) Professor é quem, tendo conquistado espaço acadêmico próprio através da produção, tem condições e bagagem para transmitir via ensino. Não se atribui a função de professor a alguém que não é basicamente pesquisador. (DEMO, 1996, 28)

Será que o professor hoje tem condições de ser pesquisador, de construir competências? Como anda sua formação, seu tempo para aperfeiçoamento e preparo das aulas?

O professor deve ser atuante na política educacional, deve ter senso crítico e ser politizado para buscar e lutar pelos seus direitos, para que eles tenham mais tempo de preparar suas aulas, pesquisar para organizarem aulas desafiadoras e interessantes para os alunos desta nova geração. Mas, mesmo tendo comprovado a necessidade desses tempos para pesquisa e aprovação da lei, muitos governantes ainda não reconheceram esse direito do professor. Alegam falta de recurso, mas o que se observa é um desinteresse em uma política educacional de valorização do professor e da educação. O professor que está no chão da sala de aula é muito pouco valorizado e tem que dar muitas aulas, o que não lhe permite, muitas vezes, prepará-las com qualidade.

O professor precisa também ter espaço para uma formação continuada que lhe dê condições de aperfeiçoar seu conhecimento e discutir com seus pares a conjuntura política e social em que nos encontramos. Somente assim poderá discutir o fator social e político na formação do aluno e que possa desenvolver sua cidadania com consciência e autonomia.

A nova LDB, em seu artigo 67, nos diz que os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais de educação, assegurando inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público. O parágrafo V do mesmo artigo cita período reservado a estudos, planejamentos e avaliação, incluídos na carga de trabalho.

Se esta lei fosse obedecida, nossos profissionais hoje teriam o direito de planejar seus estudos dentro do próprio horário de trabalho, privilegiando a pesquisa. Porém, até o presente momento isso não vem ocorrendo.

Pesquisar é ir à busca de novos conhecimentos. As escolas só estarão construindo conhecimento quando incorporarem a pesquisa nas suas práticas diárias. Pesquisa não é só fazer cópia de determinado assunto de um livro, mas, também, reconstruir o caminho do autor para chegar àquela conclusão e saber trazer o tema para a sua realidade, que muitas vezes diverge do contexto do autor.

Conclusão

Em nossas escolas encontramos alunos enfileirados e sem interesse pelos estudos. Professores não se encontram muito diferentes, com seus conteúdos monótonos, repetitivos e, algumas vezes, desatualizados. Precisamos mudar esta realidade, diminuir a distância entre o professor pesquisador que desenvolve competências nos seus alunos e o professor de sala de aula, mero repassador de conteúdos. O aluno que constrói seu conhecimento busca novas descobertas, aprende com prazer e para a vida toda. O aluno que decora e apenas repete conhecimentos pertence a uma sociedade que não existe mais, a sociedade da industrialização, da mecanização, onde o estudante era treinado para repetir, para ser peça de engrenagem na fábrica. Precisamos hoje de alunos críticos, criativos, autônomos, que buscam suas descobertas e constroem seu conhecimento.

Parar de ensinar verdades fechadas aos alunos e auxiliá-los a construir suas competências, para que descubram suas verdades e seu caminho para o mundo da ciência e do conhecimento, deve ser o objetivo da educação dos nossos dias.

Referências

- BACHELARD, G. **O Novo Espírito Científico**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1979.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1986.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996.
- CANGUILHEM, G. “O Objeto da História das Ciências”. **Tempo Brasileiro**. n. 28. Jan/mar. 1972.
- D’ AMBRÓSIO, U. **Educação para uma sociedade em transição**. São Paulo: Papirus, 1999.
- DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. São Paulo: Autores Associados, 1996.
- DEMO, P. **Pesquisa, Princípio Científico e Educativo**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- FAZENDA, I. (Org.). **Novos Enfoques da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FERREIRA, N. S. C. (Org.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. Paz e Terra, 1996.
- _____. (Org.). *O processo educativo segundo Paulo Freire & Pichon Riviere*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- _____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1968.
- FRIGOTTO, G. (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder: introdução à Pedagogia do Conflito**. São Paulo: Cortez, 1998.
- GRAMSCI, A. “La Science et les Ideologies Scientifiques”. *L’Homme et La Societé*, n. 13, Juillet/Août/Septembre, Paris: Anthropos, 1969.
- GUIMARÃES, A. A. (Org.). **O coordenador pedagógico e a educação continuada**. São Paulo. Edições Loyola, 1998.
- JAPIASSU, H. **Questões Epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

JAPIASSU, H. **Introdução ao Pensamento Epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

MENDONÇA, W. A Filosofia Fácil: Um Ajuste de Contas com a Filosofia, **Cadernos SEAF**. Petrópolis: Vozes, 1979.

NOSELLA, P. **A escola de Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

OLIVEIRA, J. B. A. **A Pedagogia do Sucesso**. São Paulo: Saraiva, 1999.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

RUMMEL, J. F. **Introdução aos Procedimentos de Pesquisa em Educação**. São Paulo: Globo, 1972.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1988.

SCHWARTZMAN, S. **Ciência. Universidade e Ideologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THUILLIER, P. **Jeux et Enjeux de la Science**. Paris: Laffont, 1972.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.